

Quem é quem nos nomes de ruas do entorno de nossa escola (Colégio Mackenzie)? – Relato de pesquisa

Dan H. Iwaki¹

Jyou H. Iwaki²

(orientador: Prof. Dr. Roberto C. G. Castro)³

Resumo: Os usuários geralmente desconhecem quem são as personalidades que nomeiam as ruas pelas quais habitualmente transitam. Este artigo examina – do ponto de vista histórico – quem são os “patronos” que dão seus nomes às ruas e vias do entorno de nossa escola: o Colégio Mackenzie (São Paulo).

Palavras Chave: nomes de ruas. ruas de Higienópolis. Colégio Mackenzie.

Abstract: People usually don't know who were the personalities after which their familiar streets are named. This article shows – from a historical point of view – who were the personalities whose names are in the streets around our school: Colégio Mackenzie (São Paulo).

Keywords: street names. Higienópolis district. “Colégio Mackenzie”.

1. Introdução. Quem é quem nas ruas do nosso entorno?

A ideia deste trabalho surgiu por inspiração direta de dois estudos que analisaram as personalidades que nomeiam ruas em torno de escolas: LAUAND (2022) e STAROSKY (2022), que estudaram casos nos bairros de Santana e Ipiranga, respectivamente.

Esses estudos pareceram-nos interessantíssimos e nos propusemos a fazer análise semelhante para o caso da nossa escola, o sesquicentenário Mackenzie, no bairro de Higienópolis (distrito Consolação). Tal como eles, valer-nos-emos de consultas ao rico acervo de periódicos que se encontram na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN) e ao *Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo* (DICIONÁRIO 2018). Naturalmente, não analisaremos ruas com nomes de personagens célebres como Frei Caneca ou (praça) Franklin Roosevelt.

A justificativa do estudo é óbvia: despertar a memória histórica dos usuários, tal como explica STAROSKY (2022, p. 07):

Na imensa maioria dos casos, os moradores não têm a menor ideia de quem é o patrono da rua em que habitam. Exceto para quem tem a honra de morar, por exemplo, em uma Avenida Tancredo Neves ou em Praça Elis Regina, o titular de sua via costuma ser um ilustre desconhecido, quando não um personagem execrável do passado. O

¹. Aluno do 2º. ano do Ensino Médio do Colégio Mackenzie (São Paulo).

². Aluno do 2º. ano do Ensino Médio do Colégio Mackenzie (São Paulo).

³. Doutor e Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP

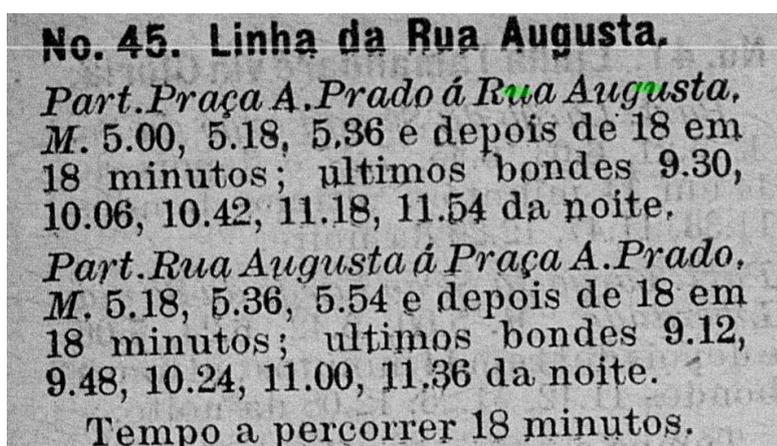
tristemente famoso “Minhocão” de São Paulo foi inaugurado em 1971 como “Elevado Costa e Silva”, mas, em 2016, teve seu nome mudado, por decreto, para “Elevado Presidente João Goulart”. E há cidades querendo mudar o nome das vias denominadas Domingos Jorge Velho (e de outros bandeirantes), pelo fato de ele ter sido o líder do massacre do Quilombo dos Palmares. Mas, na maioria das vezes, os personagens que nominam as ruas são, como dizíamos, ilustres desconhecidos. Um vereador, pensando na próxima eleição, propõe à Câmara um nome de rua – que agrada a uma fatia do eleitorado (um empresário de alguma colônia rica e influente; um praticante de algum esporte, para agradar ao grupo correspondente; uma dama da alta sociedade recém-falecida; etc.), os colegas aprovam (ninguém vai querer se indispor com o nicho de eleitores em questão) e pronto: passados alguns anos, ninguém mais sabe quem é o titular da rua...

(Em nosso caso, haverá, como veremos, uma pequena ressalva de especificidade do bairro.)

A ignorância em relação a nomes de ruas permite que se espere que em um estudo centrado em ilustres *patronesses* de ruas associadas ao bairro – Donas Veridiana, Angélica e Maria Antônia – figurassem também as importantes damas Bela Cintra e Augusta.

Alguns imaginam que Bela Cintra (ainda mais quando grafado com C) seja uma pessoa, uma senhora das muitas famílias do frequente sobrenome Cintra (e de nome Bela, como há em outros casos, como o da travessa Maria Bela Rodrigues, no Cursino; ou a Dona Bela de uma viela em Ermelindo Matarazzo). Na verdade trata-se da formosa localidade de Sintra, em Portugal. Por isso, encontramos, por vezes (especialmente no início do século XX – de acordo com consulta à BN 2022) o nome da rua grafado como “Bella Sintra”. E o mesmo fazem os diversos restaurantes (e padarias) portugueses denominados “Bella Sintra” (um deles localizado na própria R. Bela Cintra).

Do mesmo modo, a Rua Augusta (já referida na BN em 1886) não homenageia nenhuma senhora chamada Augusta, mas “tudo leva a crer que o responsável pela abertura da rua, o português Mariano Antonio Vieira, não quis homenagear uma pessoa e sim aplicar algo como um adjetivo ou título de nobreza ao chamá-la de ‘Rua Augusta’” (DICIONÁRIO 2018).



No. 45. Linha da Rua Augusta.
Part. Praça A. Prado á Rua Augusta.
M. 5.00, 5.18, 5.36 e depois de 18 em
18 minutos; ultimos bondes 9.30,
10.06, 10.42, 11.18, 11.54 da noite.
Part. Rua Augusta á Praça A. Prado.
M. 5.18, 5.36, 5.54 e depois de 18 em
18 minutos; ultimos bondes 9.12,
9.48, 10.24, 11.00, 11.36 da noite.
Tempo a percorrer 18 minutos.

Horário do bonde (puxado por burros) - Almanach Provincia de São Paulo. Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Provincia de São Paulo para o Anno de 1886, p.815.

Adiantamos que estranhamos o fato – tão surpreendente, dada a grandiosidade e a antiguidade do Mackenzie – de que não há no bairro (nem na cidade) ruas com os nomes dos fundadores e pioneiros do Mackenzie: George e Mary Ann Chamberlain, o próprio John Theron Mackenzie, William Waddel e outros. As honrosas exceções são Horácio Lane, que nomeia uma rua em Pinheiros e, claro, Dona Maria Antônia da Silva Ramos, nossa rua Maria Antônia do Mackenzie.

Desde já antecipamos também que praticamente toda a memória de ruas do bairro no qual nossa escola está instalada tem ligação com o Hospital da Santa Casa (Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo), tão próximo de nosso colégio. Além, é claro, da rica elite paulistana desde a segunda metade do século XIX, especialmente da família Prado. Se outros bairros outrora chiques estão hoje degradados, Higienópolis se mantém como ícone de prestígio e status – e também, por vezes, de arrogante pedantismo, como no emblemático e tristemente famoso episódio da “gente diferenciada” de 2010:

Moradores de Higienópolis se mobilizam contra estação de metrô

Um grupo de moradores de Higienópolis (bairro nobre da região central de SP) iniciou um movimento com o objetivo de impedir a construção da estação Angélica da futura Linha 6 - Laranja do metrô. A nova estação deve ocupar o espaço onde hoje há o supermercado Pão de Açúcar, na esquina da av. Angélica com a rua Sergipe. A obra prevê desapropriações. Abaixo-assinado elaborado pela Associação Defenda Higienópolis e espalhado por diversos condomínios da região contesta o projeto. [Para além de alegações de razões “técnicas”, o que ficou e foi considerado o verdadeiro motivo do movimento foi o desprezo pela gente do povo, expresso pela moradora Guiomar Ferreira:]

“Gente diferenciada”

Enquanto escolhe produtos na tradicional Bacco's Vinhos, da rua Sergipe, cujo imóvel pode ser desapropriado pelo Metrô, a psicóloga Guiomar Ferreira, 55, que trabalha e mora no bairro há 25 anos, diz ser contrária à obra.

“Eu não uso metrô e não usaria. Isso vai acabar com a tradição do bairro. Você já viu o tipo de gente que fica ao redor das estações do metrô? Drogados, mendigos, uma gente diferenciada...”

(<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1308201011.htm> – Folha de S. Paulo, 13-08-2010).

Agruparemos nossos verbetes de personalidades que nomeiam nossas ruas em dois blocos: “Trinca de Damas e quatro Valetes” e “Outros personagens”.

2. Nossa enquete informal

Após essa Introdução, informamos que nos pareceu oportuno – para, em alguma medida, testar nossa hipótese sobre o (des)conhecimento dos usuários – solicitar a colegas de Mackenzie que respondessem (anonimamente) a um brevíssimo questionário sobre as informações de que dispõem sobre nossas Damas: Veridiana, Angélica e Maria Antônia (e também sobre as “fake” D. Augusta e D. Bela Cintra). O questionário consistiu nas seguintes perguntas:

1. Você tem alguma noção sobre quem foi Dona Veridiana (da R. Dona Veridiana)?

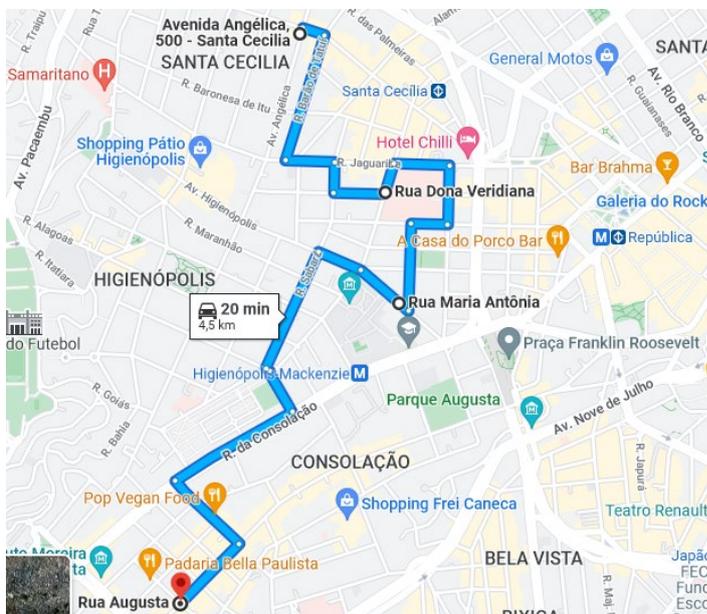
2. Você tem alguma noção sobre quem foi D. Maria Antônia (da R. Maria Antônia)?
3. Você tem alguma noção sobre quem foi D. Angélica (da Av. Angélica)?
4. Você tem alguma noção sobre quem foi D. Augusta (da R. Augusta)?
5. Você tem alguma noção sobre quem foi D. Bela Cintra (da R. Bela Cintra)?

Por não se tratar de enquête planejada e controlada cientificamente, mas só de uma sondagem informal, apresentaremos de modo genérico os resultados, que confirmam nossa suposição de que nossos entrevistados, mesmo sendo mackenzistas (ou ex-mackenzistas), ignoram totalmente quem foram as patronesses das ruas de nosso entorno.

Responderam a nosso questionário 44 pessoas. Um único entrevistado acertou com precisão enciclopédica e riqueza de detalhes todas as cinco respostas, o que nos levou a desconsiderar esse caso, pois todos os outros 43 reconheceram ignorar completamente nossas damas (90 ou 95% afirmaram não ter “nenhuma noção”) e os poucos que julgavam saber davam respostas disparatadas como: “Maria Antônia foi Rainha da França antes da Revolução Francesa” ou “Bela Cintra foi uma professora que fundou a Escola Estadual Profa. Marina Cintra”.

3. Trinca de Damas e quatro Valetes

Destacam-se historicamente na formação de nosso entorno três grandes damas da elite paulistana do século XIX (com vidas ingressando timidamente no século XX): Dona Veridiana Valéria da Silva Prado (Rua D. Veridiana), Dona Maria Antônia da Silva Ramos (Rua Maria Antônia) e Dona Maria Angélica de Souza Queiroz (Av. Angélica).





<https://lembrasp.blogspot.com/2017/03/angelica-antonia-veridiana-dona.html>

3.1. (Rua) Dona Veridiana (e filhos)

Dona Veridiana Valéria da Silva Prado (1825-1910). Para esta fascinante personalidade – tão importante para nosso entorno –, objeto de muitos estudos, optamos por apresentar dados em torno do capítulo IV da criteriosa obra de *HOMEM* (2011, cap. 4) e do *DICIONÁRIO* (2018), que resumimos a seguir.

Veridiana Valéria da Silva Prado nasceu em São Paulo no dia 11 de fevereiro de 1825. Era filha de Antonio da Silva Prado, o Barão de Iguape, detentor de uma das maiores fortunas da época, e de d. Maria Cândida de Moura Leite, ela uma mulher de forte personalidade que se achava divorciada de seu primeiro marido.

Como era costume naquela época, e por imposição de seu pai, Veridiana casou-se muito jovem, com apenas 13 anos de idade, no dia 24 de junho de 1838, no Rio de Janeiro, com seu tio Martinho da Silva Prado, ele nascido em 1811, era meio irmão de seu pai e acabara de se formar pela Faculdade de Direito de São Paulo.

Apesar da convivência feliz nos dez primeiros anos de casamento, as diferenças entre o casal tornaram-se mais agudas com o passar do tempo e especialmente após a morte do Barão de Iguape, em 1875, que era um grande mediador dos conflitos familiares, a discordância de opiniões ficaram mais patentes. A relação entre o casal já estava muito desgastada, o que leva Veridiana a se separar do marido em 1878.

Por essa época a família ocupava, desde 1848, uma chácara ao lado da igreja da Consolação. Mas poucos anos depois, em 1882, Veridiana resolveu realizar um velho sonho: viajou para Paris e, encantada com a vida na capital francesa, volta para São Paulo e no mesmo ano de 1882 inicia a construção de um palacete na chácara que comprara em 1879 no então bairro de Santa Cecília e que ficaria conhecida como “Vila Maria”, uma homenagem de D. Veridiana à sua fiel dama de companhia, Maria das Dores. A chácara de d. Veridiana localizava-se na antiga Rua Santa Cecília (atual Rua Dona Veridiana), cujo terreno seguia um pouco abaixo da Rua Marquês de Itu, e do outro lado estendia-se pela Rua Pacaembu, atual Av. Higienópolis, até as proximidades da Av. Angélica.

O palacete de d. Veridiana impressionava os paulistanos mesmo durante as obras, que seguiam céleres em 1883. Em novembro de 1884 São Paulo recebe a visita da família imperial e no dia 18 a Princesa Isabel visitaria a amiga já instalada em seu palacete. Em seu diário, escreveria a princesa: “*“A propriedade de D. Veridiana, lindíssima; casa à francesa, exterior e interior muitíssimo bonitos, de muito bom gosto. Os jardins têm gramados dignos da Inglaterra, a casa domina tudo, há um lagozinho, plantações de rosas e cravos, lindos. Vim de lá encantada”*”. Além de toda a beleza, o palacete contava com os mais modernos equipamentos, a exemplo de um aparelho telefônico, cuja instalação ocorrera também em 1884. Naquela época, São Paulo contava com apenas 11 linhas, sendo Veridiana a única mulher assinante. Dois anos depois, em 1886, D. Pedro II faria sua última viagem a São Paulo, ocasião em que também visitou d. Veridiana em seu palacete, no dia 20 de outubro, à tarde, na companhia da imperatriz e de diversos nobres.

Certamente pela proeminência de D. Veridiana, mas também pela simbologia de seu palacete na cidade, no dia 20/03/1888 os vereadores decidiram modificar o nome da Rua Santa Cecília, que, a partir de então, passou a denominar-se “Rua D. Veridiana Prado”, posteriormente simplificado para Rua Dona Veridiana. Veridiana da Silva Prado marcou época em São Paulo, seja pelas obras de caridade, seja pelo seu incentivo à agricultura, aos esportes e às artes. Marcou época também pelos seus empreendimentos, uma vez que participou de inúmeras empresas, inclusive como proprietária de jornal, a primeira que o Brasil conheceu. Posteriormente, ela mesma venderia o jornal a Francisco Glicério.

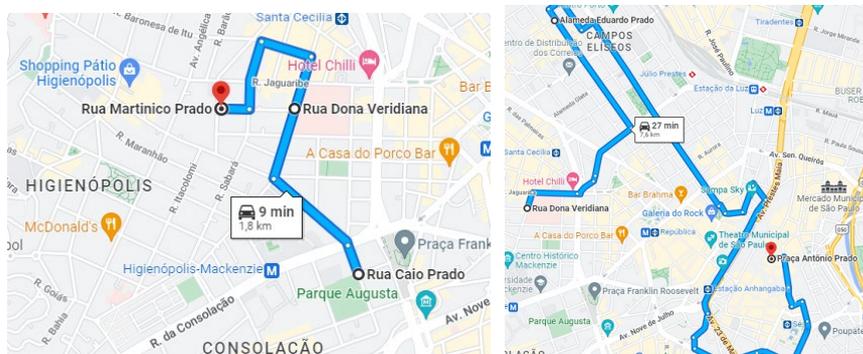
Apesar de ser uma conhecida monarquista, mesmo após a Proclamação da República, Veridiana demonstrava desde cedo sua inclinação pela libertação dos escravos. Em 1870, por exemplo, presidiu a Sociedade Redentora para libertação dos escravos, composta por algumas senhoras da sociedade. Dona Veridiana faleceu em seu palacete no dia 11 de junho de 1910, sendo sepultada no cemitério da Consolação. Em seu testamento, deixou diversos legados às instituições de caridade, mas especialmente à Santa Casa de Misericórdia.

3.2. Dama Veridiana e seus 4 Valetes

O livro de TOLEDO (2015) nos fala de quatro ilustres filhos de Veridiana:

Veridiana, enquanto isso, ia parindo os filhos. Antônio, aquele que viria ser o “conselheiro”, foi o primeiro de uma série de oito, dos quais seis chegaram à vida adulta. Nasceu quando ela tinha quinze anos, em 1840 [...]. Outros filhos viriam igualmente a se destacar. O segundo, Martinho como o pai, e para distinguir-se dele chamado de Martinico, notabilizou-se como líder republicano, uma opção de rebeldia iconoclasta numa família em que o normal era ser monarquista e do Partido Conservador. [...] Martinico foi parceiro do irmão mais velho no desbravamento dos sertões então ignotos de além Mogi Guaçu até Ribeirão Preto e mais adiante, regiões em que ao ataque impiedoso das florestas sucedia a vitoriosa invasão do exército de cafezais. Outro irmão, Caio, foi jornalista e político, e Eduardo, o caçula, um intelectual que, muito afeito à terra e às tradições de São Paulo, sobre cuja história escreveu, para viver preferia mesmo Paris.
TOLEDO (2015, p. 25)

Dona Veridiana tem, muito perto da sua, ruas de dois de seus filhos Martinico e Caio; e relativamente próximas, as de outros dois: Eduardo (Alameda Eduardo Prado) e Antônio (Praça Antônio Prado). Veridiana é tão soberana na região que uma das ruas leva não o nome (Martinho), mas o apelido familiar carinhoso do filho (Martinico). Para complementar sua caracterização abaixo, valemo-nos de DICIONÁRIO (2018).



3.2.1. (Rua) Martinico Prado

Martinico Prado Junior nasceu em São Paulo - Capital em 1842. Após seus estudos de humanidades matriculou-se na Faculdade de Direito, obtendo o título de bacharel. Dedicou-se à lavoura em Araras, tornando-se um dos maiores fazendeiros da região. (cf. DICIONÁRIO 2018)

3.2.2. (Rua) Caio Prado

Foi um político Paulista famoso, parlamentar e jornalista no tempo do império. como Jornalista ele escreveu em São Paulo “A República” e o “Correio Paulistano”. Faleceu em Fortaleza em 25 de maio de 1889. (cf. DICIONÁRIO 2018)

3.2.3. (Alameda) Eduardo Prado

Eduardo Paulo da Silva Prado nasceu na cidade de São Paulo em 27 de fevereiro de 1860. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, sócio do Instituto Histórico Brasileiro e um dos fundadores do Instituto Histórico de São Paulo, foi uma das figuras mais brilhantes em nosso meio literário. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira nº 40. Dedicado ao jornalismo, dirigiu o antigo *Comércio de São Paulo*. (cf. DICIONÁRIO 2018)

3.2.4. (Praça) Antônio Prado

Antonio da Silva Prado nasceu em São Paulo, em 25 de fevereiro de 1840. Estudou no Colégio Pedro II, graduando-se pela Faculdade de Direito em 1861. Posteriormente foi eleito vereador da Câmara Municipal, da qual também foi Presidente. Foi um dos prefeitos da Capital, tendo exercido essa função de 1900 a 1910. Foi escolhido para o cargo pelo legislativo municipal em 20 de novembro de 1898. Ainda em seus últimos anos, aparece no cenário político paulista, fundando e liderando uma associação política, o Partido Democrático. (cf. DICIONÁRIO 2018)

4. Maria Antônia

Para a vida de Dona Maria Antônia, figura essencial na criação do Mackenzie, recorreremos inicialmente ao correspondente verbete do livro de MATOS (2004), como uma das principais pioneiras presbiterianas do Brasil:

Maria Antônia da Silva Ramos (1815-1902)

Membro de uma família ilustre, Maria Antônia nasceu em Castro, no Paraná, no dia 5 de julho de 1815, sendo membro de uma família ilustre que mais tarde radicou-se em São Paulo. Era filha do Barão de Antonina, João da Silva Machado (1782-1875), um próspero comerciante que chegou a senador do Império pelo Paraná. Pouco antes da sua morte, o velho senador recebeu a visita do Rev. George W. Chamberlain, pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, e lhe disse: “Tenho mais de noventa anos e nunca possuí uma Bíblia”. Quando o missionário leu o Novo Testamento, o ancião comentou: “Eu gosto dessas doutrinas, e gostaria que a minha fé se limitasse ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”. Maria Antônia casou-se com o tenente-coronel Mariano José Ramos. Foi recebida por profissão de fé e batismo na Igreja [Presbiteriana] de São Paulo, pelo Rev. Chamberlain, no dia 2 de junho de 1878. Até a sua morte, teve participação assídua na sua igreja, envolvendo-se em muitas de suas iniciativas. [...] Em 1874, Dona Maria Antônia vendeu ao Rev. Chamberlain e sua esposa, por 800 mil réis, uma parte da sua chácara na Consolação, que usava como pasto para os animais da sua carruagem. [...] Essa área, acrescida de terrenos adjacentes, serviu para a expansão da Escola Americana e a instalação do Mackenzie College. Na década de 1880, vários edifícios foram ali construídos, inclusive o do internato masculino, inaugurado no dia 11 de janeiro de 1886. Nos seus últimos dias, Dona Maria Antônia residiu à Rua de São João, em frente à Escola Americana, vindo a falecer, aos 87 anos de idade, no dia 11 de março de 1902. Seu nome foi dado à rua em que tinha a sua chácara, onde hoje está situado o Mackenzie.

Um reparo importante ao texto acima é o de que, na verdade, Maria Antônia não vendeu, mas doou o terreno, pois 800 mil réis era uma quantia relativamente irrisória na época (cf. HOMEM 2004, p. 52).



“A Chácara Lane (atual campus Higienópolis do Mackenzie), era propriedade da Baronesa Maria Antônia da Silva Ramos” – <https://www.mackenzie.br/memorias/150-anos/nossa-historia/arquivo/n/a/i/lo-pre%CC%81dio-na-cha%CC%81cara-lane>. Foto e texto do site do Mackenzie-Memórias.

Segundo DICIONÁRIO (2018), ela se converteu ao presbiterianismo, fazendo sua profissão de fé em 02-06-1878, realizada pelo próprio Reverendo Chamberlain. Antes disso, Maria Antônia era católica praticante, como podemos comprovar em

pesquisa na BN. A seguir, apresentamos uma pequena seleção das múltiplas referências a D. Maria Antônia na imprensa das décadas de 1860, 70, 80 e 90.

O *Diario de São Paulo* informa em sua lista de batizados (24-08-1869) que receberá o sacramento um bebê filho de escrava de D. Maria Antonia. O mesmo jornal, em 20-09-1871, registra que D. Maria Antonia, ainda devota católica, foi nomeada Ministra da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência.

Maria Antonia, filha de seu tempo, publica (e repete a nota diversas vezes) no *Correio Paulistano* (No. 5208, 1874) anúncio de que uma sua escrava de 60 anos fugiu e promete recompensa a quem der informações e ameaça com os rigores da lei a quem lhe der abrigo.

Já fervorosa presbiteriana, o mesmo jornal (21-10-1881) noticia que D. Maria Antonia integra, junto com Mrs. Chamberlain, a seleta Comissão do bazar de sua nova igreja.

Na década de 90, registram-se doações que ela faz para a *Imprensa Evangélica* e para a “Santa Casa”.

5. Maria Angélica (Av. Angélica)

Para D. Angélica (1842-1929), resumiremos o verbete do DICIONÁRIO (2018), que, por sua vez, remete a HOMEM (2011):

Dona Maria Angélica Souza Queiroz nasceu em Rio Claro (SP) no dia 04/03/1842, no seio de uma abastada família paulista. Seu pai, Francisco Antonio de Souza Queiroz, o barão de Souza Queirós, era filho do Brigadeiro Luis Antonio de Souza Queiroz [da Av. Brigadeiro]. Nesse sentido, Angélica era filha de barões e neta do Brigadeiro Luís Antonio, um rico empresário que possuía uma das maiores fortunas da época. [...]

Em 1862, aos 20 anos de idade, contraiu matrimônio com seu primo, também membro da elite paulistana, o Dr. Francisco de Aguiar Barros [da Al. Barros]. [...]

As viagens ao interior continuaram, tanto que seu primeiro filho, Francisco, nasceu em Itu no dia 27/11/1863, sendo batizado em São Paulo aos 29/02/1864. Além de Francisco, Angélica teve mais nove filhos: Bento, Maria Angélica, Leonarda, Alfredo, Antonia, Guiomar, Paula, Raul e Beatriz. Constituída a numerosa família, o casal decidiu fixar residência em São Paulo e, para isso, seu marido adquire a conhecida Chácara das Palmeiras, onde todos foram residir. [...]

Naquela oportunidade, a chácara possuía um perímetro delimitado pelas atuais ruas das Palmeiras, Conselheiro Brotero, avenidas Higienópolis e Angélica. Em agosto de 1890, d. Maria Angélica sofreria um grande golpe com a doença e posterior falecimento de seu marido, ocorrido no dia 19/08/1890 em sua casa na Chácara das Palmeiras. [...] Talvez em decorrência dessa fatalidade, mas também inspirada na atitude de d. Veridiana da Silva Prado, que construía seu palacete entre 1883 e 1884 na mesma região, d. Maria Angélica decide deixar o casarão em que vivia e providencia a construção de um verdadeiro palacete na Av. Angélica, atual nº 430, esquina com a Alameda Barros, atual nº 376. O projeto da casa foi idealizado pelo arquiteto alemão Matheus Häussler, ele autor também dos projetos da Hospedaria dos Imigrantes e do Palácio Campos Elíseos. Iniciada a construção em 1891, o palacete

estava pronto em 1893, ocasião em que ela se muda para a nova residência. Deixando a antiga sede da chácara, Angélica faz a doação de toda a propriedade para a Associação das Damas da Caridade de São Vicente de Paulo, que ali instalou um orfanato para meninas e, em 1899, um externato para ambos os sexos. A exemplo da residência de d. Veridiana, o palacete de d. Maria Angélica também marcou uma época na cidade. [...] Data desse mesmo período a decisão de d. Maria Angélica, agora como herdeira da propriedade, em abrir as primeiras ruas que formaram de início o bairro de Santa Cecília, e que depois se articularam com aquelas abertas mais acima, em Higienópolis. Interessante notar que a atual Av. Angélica, a primeira a ser aberta, ficou conhecida, em 1895, como “Avenida Viúva Barros” conforme se apresenta no mapa da cidade daquele ano. Paralela a esta avenida, o mesmo mapa mostra o primeiro trecho da Rua Barão de Tatuí e uma transversal que recebeu o nome de Alameda Barros. [...]

D. Angélica promoveu a abertura de novas ruas na sua chácara e na medida em que isso ocorria ela teve o cuidado de homenagear membros de sua família. Uma delas já fazia referência ao seu marido (Alameda Barros) e depois seria o caso de sua tia-avó (Rua Baronesa de Itu) e amigos da família como o Conselheiro Brotero, o Dr. Gabriel dos Santos, e Brasílio Machado, dentre outros.

Dona Maria Angélica faleceu em São Paulo no dia 10/10/1929, aos 87 anos de idade.

6. Outros personagens que nomeiam nossas ruas

Após nossa trinca de damas e quadra de valetes, apresentaremos agora, em notas curtas, alguns outros poucos personagens que nomeiam as ruas do entorno do Mackenzie, privilegiando (à exceção do Dr. Vila Nova) os que mantêm ligação com o bairro por terem sido promotores da Santa Casa.

Rego Freitas (1835-1886)

Como tantos próceres da época, Antonio Pinto do Rego Freitas formou-se bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo. Presidente por dois mandatos da Câmara Municipal. Como tantos outros que dão seu nome a ruas do bairro, foi um (muito generoso) benfeitor da Santa Casa. Na segunda metade do século XIX, a atual Vila Buarque era conhecida como “Chácara Rego Freitas”.

Major Sertório (1824-1910)

Domingos Sertório foi político (vereador e presidente da Câmara), grande comerciante e proprietário de terras. Deixou grandes contribuições para a Santa Casa, instituição da qual fez parte.

Marquês de Itu (1823-1889)

Antonio de Aguiar Barros, o marquês de Itu, nasceu em Itu, Estado de São Paulo, em 05 de dezembro de 1823. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Além de grande fazendeiro, o Marquês de Itu também militou na política como membro do Partido Liberal. Transferiu sua residência para São Paulo por volta de 1870. Foi deputado geral e vice-presidente da Província por duas vezes. Em testamento, deixou uma pequena fortuna para a Santa Casa.

Barão de Tatuí (1831-1879)

Francisco Xavier Paes de Barros, de antiga e distinta família paulista, nasceu em Sorocaba em 24 de maio de 1831. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo e dedicou-se logo à política e à lavoura. Foi eleito deputado em várias legislaturas, prestando sempre bons serviços à causa pública. Em 1889, com outros membros de prestígio da sociedade, funda o Banco de São Paulo. Recebeu o título de Barão de Tatuí por decreto de 19 de agosto de 1879. Foi provedor da Santa Casa, à qual prestou grandes serviços e donativos. Faleceu em Sorocaba em 08 de dezembro de 1914, foi sepultado no cemitério da Consolação. (DICIONÁRIO, 2018)

Dr. Vila Nova (1780-1873)

Francisco Antonio de Campos, barão de Vila Nova de Foz Coa, estadista e literato português, nasceu em Vila Nova de Foz Coa. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra e foi eleito deputado das Cortes Ordinárias em 1822. Em 1861 foi eleito sócio correspondente da Academia Real de Ciências. Faleceu em Lisboa no ano de 1873.

6. Considerações finais

Ao concluir esta pesquisa, registramos primeiramente o crescimento que tivemos com as leituras e no manejo de ferramentas como a BN (2022) e o DICIONÁRIO (2018).

Uma primeira constatação importante é que as personalidades que nomeiam as ruas no entorno imediato do Mackenzie viveram no século XIX (em alguns casos, com tímidos ingressos nos primeiros anos do século XX). Verificamos que o mesmo não ocorre com os dois estudos semelhantes de escolas de Santana e do Ipiranga (Moinho Velho) – respectivamente (LAUAND 2022) e (STAROSKY 2022) –, muito mais permeáveis a figuras do século XX, algumas de discutível mérito municipal e nomeadas por claras influências, ao sabor de interesses políticos de momento. Já nossas “Damas, Valetes & Cia.”, como vimos, são realmente genuínas do bairro e importantes para sua fundação e desenvolvimento (por exemplo, praticamente todos participaram no ativo fortalecimento da Santa Casa). Intrusos não foram admitidos em nosso entorno.

Outro fruto importante dessa pesquisa foi o de passarmos a ver as ruas em torno de nossa escola com outro olhar, mais concreto e com conteúdo. Dona Veridiana deixou de ser um nome desconhecido e esquisito e passou a encantar o bairro com seu charme e inteligência provocadora e agora sabemos de seus filhos, que estão aí em nosso cotidiano.

Esperamos que os leitores, especialmente os estudantes do Mackenzie, possam também ganhar essa consciência, principalmente em relação à nossa “fundadora”, a grande Dona Maria Antônia. Como tínhamos adiantado, esperamos também que, algum dia, faça-se aos fundadores e pioneiros do Mackenzie a mesma homenagem que recebem tantos benfeitores dessa outra instituição importante da região: a Santa Casa.

Referências bibliográficas

BN – Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira. Atualizado em 2023
<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

DICIONÁRIO de ruas. Prefeitura de São Paulo. 2018.
<https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>

HOMEM, Ma. C. Naclério. **Higienópolis**. Grandeza de um bairro paulistano. São Paulo: Edusp, 2ª. ed. 2011.

LAUAND et al. Personagens que nominam ruas ao redor de minha escola: EMEFM (...), in LAUAND (org.) **Scripta varia volume II**. São Paulo: Cemoroc, 2022. p. 15-24.

MATOS, Rev. Alderi S. de. **Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil: Missionários, Pastores e Leigos do Século 19**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Disponível em: <http://www.ebenezer.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Parte-4-Educadoras-e-leigos-destacados.pdf>

STAROSKY et al. Personagens que nominam ruas ao redor de minha escola – aspectos (...), in LAUAND (org.) **Scripta varia volume II**. São Paulo: Cemoroc, 2022. p. 07-14.

TOLEDO, R. Pompeu de. **A capital da vertigem**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Recebido para publicação em 12-02-23; aceito em 01-04-23